

Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século¹

Rachel Soihet²
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Este texto retrata as idéias e posições de Emília Moncorvo Bandeira de Mello, que sob o pseudônimo de Carmen Dolores foi uma literata reconhecida no Brasil em fins do século XIX e princípios do XX. Apesar da recepção que encontrou, recebeu críticas por seu estilo «masculino», isto é por seu espírito crítico e pela força e segurança de sua prosa, em uma época quando as mulheres literatas eram escassamente toleradas desde que se mostrassem débeis, maternais e ternas. Quanto a suas idéias sobre as mulheres, ela considerava que a educação permitiria que elas desenvolvessem em sua plenitude suas habilidades intelectuais e se destacassem nos diversos papéis sociais. Também, denunciava os conflitos no interior das famílias tradicionais e advogava pelo divórcio. Por outro lado, seu conservadorismo manifestava-se nas críticas à liberdade sexual das mulheres, na admiração pela monarquia e aristocracia e na concordância com o impedimento à participação política das mulheres.

Palavras chave: feminismo, educação, escrita, mulheres literatas, séculos XIX e XX

Resumen: Este texto retrata las ideas y posiciones de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, cuyo pseudónimo era Carmen Dolores, y quien era una literata reconocida en Brasil a fines del siglo XIX y principios de XX. A pesar de la aceptación parcial que encontró, recibía críticas por su estilo «masculino», es decir por su espíritu crítico, y por la fuerza y seguridad de su prosa, en una época cuando las mujeres literatas eran escasamente toleradas con la condición de que se mostraran débiles, maternales y tiernas. En cuanto a sus ideas sobre las

mujeres, ella consideraba que la educación permitiría que ellas se desempeñaran a plenitud intelectualmente y en diversos roles sociales. Asimismo, denunciaba los conflictos al interior de las familias tradicionales, y abogaba por el divorcio. Sin embargo, la posición conservadora de esta autora la llevaba a condenar duramente la libertad sexual de las mujeres, y a aceptar el veto a la participación política de la mujer.

Palabras clave: feminismo, educación, escritura, mujeres literatas, siglo XIX y XX

Abstract: This text portrays the ideas and positions of Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, whose pen-name was Carmen Dolores, and who was a renowned woman of letters in Brazil at the end of the XIXth and the beginning of the XXth centuries. In spite of the partial acceptance she found, she received criticism for her «masculine» style, that is, for her critical spirit, and for the strength and security of her prose, at a time when literary women were barely tolerated on condition they appeared weak, tender and maternal. With regard to her ideas on women, she thought education would allow them to be fully functional intellectually and in diverse social roles. She also denounced conflicts inside traditional families, and was in favor of divorce. However, her conservative position led her to condemn women's sexual liberty, and her reluctance to accept change made her admire monarchy and aristocrats, and to accept that women should continue to be barred from political participation.

Key Words: feminism, education, writing, literary women, XIX and XX centuries

¹ Artículo tipo 2 (de reflexión) según clasificación de Colciencias. Presenta resultados obtenidos en la investigación titulada «Mulheres em busca de novos espaços: suas implicações nas relações de gênero» que se desarrolló entre 2000-2003 con el auspicio de CNPq. **Recibido 5 de Octubre de 2009, Aceptado el 30 de Octubre de 2009**

² Profesora titular del Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense - UFF e investigadora del CNPq. Recibió el doctorado de la Universidade de São Paulo USP, y el post-doctorado de la Universidade Paris 8. Entre sus publicaciones destacamos el libro *Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana*, publicado pela Editora Forense Universitária, y su obra *O Feminismo Tático de Bertha Lutz*, cuya 2ª edición data de 2008, publicado por la EDUFU, editorial de la Universidade Federal de Uberlândia. También há publicado numerosos artículos y capítulos de libros.

Carmen Dolores (1852-1910), pseudônimo de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello foi literata de reconhecida importância na virada do século. Autora de livros, peças teatrais e crítica literária, foi como cronista, porém, «que ela atingiu ao máximo da sua popularidade e do seu conceito de escritora, e que mais conseguiu penetrar as camadas inteligentes com o feito novo, enérgico, algumas vezes másculo demais, mas sempre verdadeiro e justo dos seus comentários» (Dolores, 1910-a).³ Note-se a referência reticente ao caráter masculino atribuído ao estilo de Carmen Dolores, num momento em que se esperava das mulheres «formas literárias mais ‘adequadas’ à sensibilidade feminin» (Lima Duarte, 1997, pág. 91), ou seja, leveza, delicadeza, fragilidades. Também, Lima Barreto, literato, aparentemente, desprovido de preconceitos, em meio a fartos elogios, critica a excessiva contundência de Carmen Dolores:

Nas suas crônicas de comentário de semana eram freqüentes as arestas cujos arranhões punham, arrancando réplicas cuja ferinidade, às vezes, perdeu a linha de compostura que devem ter polemistas, mesmo em contendas de homem para homem, com descaídas para a grosseria. (Dolores, 1908)

Trazer à tona idéias que esta autora expressava em sua produção constitui-se, na minha perspectiva, propósito dos mais significativos, considerando-se o anonimato em que a maioria das escritoras incidiu. Ainda mais que o exercício da atividade das letras pelas mulheres afigurava-se altamente subversivo, existindo inúmeros testemunhos acerca de percalços sofridos pelas mulheres que ousavam enveredar pela literatura. Entre outros depoimentos que deixam perceber nítidas reservas à atividade das letras pelas mulheres, destaca-se o do conceituado Agripino Grieco que afirma que esta seria permitida, desde que «suas autoras conservem uma alma feminina e não se expressem como homens». Assim, compreende-se porque Carmen Dolores ao iniciar-se no mister de crítica literária adote o pseudônimo masculino de Leonel Sampaio. Decisão comum no século

XIX, quando muitas escritoras escondem sua identidade usando este recurso, entre outras, George Sand (Aurore Dupin), George Eliot (Mary Ann Evans), Currer Bell (Charlotte Brontë), Otto Stern (Louise Otto Peters).

E, como reiteram os depoimentos, na cronista e romancista Carmen Dolores, ressaltam-se a veemência e o forte espírito crítico, demonstrados em seu pronunciamento, contrapondo-se às opiniões emitidas pelo sociólogo italiano Enrico Ferri, um dos pilares das concepções hegemônicas, de sua época, por ocasião de uma conferência que o mesmo proferiu em visita ao Rio de Janeiro.

Ainda que não deixando de reconhecer e elogiar o talento e a eloquência do conferencista, a cronista ironiza o silêncio da assistência, em sua maioria composta de mulheres, entre as quais ela se incluía, que sequer pestanejava «quando o eminente mestre declarou categoricamente que a mulher, com relação ao homem, está colocada em um plano de inferioridade biológica» (Scott, 1991, pág. 1). Ademais,

(...) à mulher faltam os três principais sentimentos do homem: inteligência, a sensibilidade, a vontade, e ainda, sorrimos até, ao dizer Eurico Ferri que os direitos da mulher lhe são negados, em virtude justamente das condições de inferioridade em que ela se acha com referência ao homem, seu senhor (Dolores, 1908).

Demonstrando lucidez e consciência quanto às aptidões e papéis de cada gênero, como construções sociais,⁴ Carmen Dolores manifesta sua indignação, ante a colocação de Ferri de que a maternidade seria o destino da mulher, concepção que unia Ferri àquela de célebres contemporâneos que a encaravam como função primordial das mulheres normais a que estaria subordinada toda a sua organização biológica e psicológica (Lombroso & Ferrero, 1896).

Num momento em que esta função era altamente idealizada, como alguma coisa para a qual não caberia qualquer modalidade de opção, retruca Carmen Dolores com uma incrível argúcia que a grande maioria das mulheres só ousou proferir, a partir dos movimentos da segunda vaga feminista.

³ Este elogio foi publicado em seguida a sua morte.

⁴ Nestas sociedades desregradas/ Chamadas assembléias/ Mulheres todos os dias, corrompem os espíritos/ Porque é lá que se conspira.../ Contra os pobres maridos.

Fechar a mulher nessa única e especial função da maternidade pode ser muito tocante e bonito, mas não representa a síntese de um destino feminino. Há pelo mundo inúmeras mulheres que nunca foram mães, ou pelo celibato, ou pela esterilidade no casamento, ou porque já perderam os filhos – e essas criaturas, todavia, têm o seu papel na vida, são úteis, necessárias, preciosas. Outras, ao contrário que satisfazem essa função da maternidade, são simplesmente uns animais de reprodução, flagelo muitas vezes da própria família, indiferentes aos filhos. Logo, numa justa proporção, não se pode assegurar que a mulher só preste em rigor para ser mãe. (Dolores, 1908-a)

Nessa colocação, Carmen Dolores antecipa afirmações de Simone de Beauvoir que causaram forte impacto em sua obra saída na França em 1949, na qual também afirmava a inexistência do instinto maternal que não se aplicava à espécie humana, especificando:

Via de regra, a maternidade é um estranho compromisso de narcisismo, de altruísmo, de sonho, de sinceridade, de má fé, dedicação e cinismo (de Beauvoir, 1960, págs. 280-281).

Completava Beauvoir acentuando que a atitude da mãe definia-se «pelo conjunto de sua situação e pela maneira por que a assume», sendo nesse sentido extremamente variável. Referia-se aos problemas que muitas mães poderiam causar aos filhos quando procuravam através deles compensar suas frustrações, panorama muito presente naquele momento, quando as mães eram estimuladas a manterem-se no lar:

Quando se compreender a que ponto a situação atual da mulher lhe torna difícil sua plena realização, quantos desejos, revoltas, pretensões, reivindicações a habitam surdamente, espanta-nos que filhos sem defesa lhe sejam entregues (de Beauvoir, 1960, págs. 280-281)

No que tange à frivolidade feminina, afirmada pelo sociólogo, Carmen aponta as razões da mesma que atribui ao «egoísmo dos homens, consentindo na educação errônea das mulheres, para guardarem o seu primeiro lugar de dominadores do que da incapacidade da própria mulher». Segundo ela, bastaria uma transformação na educação feminina para que as mulheres se tornassem sujeitos mais ativos na

construção de sua autonomia (Dolores, 1908). Lembre-se que a educação feminina ainda muito deixava a desejar, pois apenas em 1922 as mulheres tiveram acesso ao ensino secundário oficial, não apenas devido às reticências da moral católica quanto à co-educação dos sexos, como da certeza da ciência hegemônica na época, acerca das diferentes aptidões entre homens e mulheres. Daí a diversidade de currículos a eles destinados, ocasionando diferenças flagrantes no ensino dos dois sexos. Enquanto os homens cursavam, o ensino secundário, que visava o acesso aos cursos superiores, as moças, em sua maioria, encaminhavam-se para as escolas normais, destinadas à profissionalização e/ou o preparo para as funções de esposa e mãe. Assim, Carmen Dolores alinhava-se com aquelas que desde o século XIX, como Josefina Álvares de Azevedo, vinham lutando por uma educação mais qualificada não em nome da sua responsabilidade familiar, mas porque se consideravam tão capazes «como o homem para o estudo das ciências», apesar da constante repetição contrária. Afirmavam, inclusive, a existência de mulheres «superiores a muitos homens cientistas; e que escreveram trabalhos que são citados por médicos ínsignes», ressaltando a importância da profissionalização como fruto da instrução, pois só assim «poderá se assentar ao lado do homem como sua companheira, e jamais como sua serva». Havia, também, àquelas que nem mencionavam o casamento como alvo, ao apontarem a importância do trabalho assíduo e o seu fortalecimento «para as provas da liberdade e para os combates da vida» (Caiuby C & Bernardes, 1989, págs. 138-139-145-159).

Não poucas vezes, porém, a sua dimensão conservadora, igualmente aparece como na censura ao comportamento feminino dos novos tempos, ao deplorar o fato das moças se disporem a sair a todo o tempo. «É preciso viver e morrer na rua, nas avenidas, nos dentistas, nos bondes, nos cinematógrafos – em toda a parte, menos no lar» (Dolores, 1908-a); conservadorismo que mais se acentua por restringir suas críticas às mulheres, não fazendo a menor referência ao mesmo comportamento masculino. Em *Amargo problema*, fica patente o moralismo da autora, ao narrar um drama que culmina no suicídio da protagonista, movida por sentimento de culpa de ter sido a

causadora do término do noivado da filha, decorrente da descoberta pelo noivo de um seu envolvimento amoroso, considerado ilícito. (Dolores, 1908-b). Enquanto que em outra crônica, numa situação de adultério masculino, embora por ela criticada, o desfecho não fosse idêntico, em conformidade com o pensamento dominante na época. A esposa, apesar de magoada, acolhe o morto em sua casa, encobrindo a traição (Dolores, 1908-c). Aliás, uma marca de Carmen Dolores seria a punição de mulheres desviantes, sedutoras e adúlteras, o que teria levado Lima Barreto a elogiá-la, já que segundo ele, a escritora colocava em seus contos e crônicas sentimentos familiares, edificantes (Eleutério, 2005, pág. 236).

Em *O dia moderno*, revela os novos hábitos presentes no cotidiano carioca, salientando a velocidade do ritmo e os espaços de sociabilidade; críticas veladas são observáveis quanto à futilidade das mulheres, à suspeita moralidade das moças em meio aos *flirts*, e ao relaxamento das donas de casa no tocante a suas obrigações domésticas. (Dolores, 1908-d). Fatos decorrentes, em sua opinião, de uma educação falha que atribuiria aos «americanismos», influências vistas, como materialistas, superficiais, que passaria a considerar prejudiciais à mulher e à família (Guimarães Lopes, 2001, pág. 15). E continua sua peroração, com relação ao que considera frivolidades das moças do Rio, preocupadas de forma excessiva com o vestuário e com a aparência e, além da ociosidade, a freqüente ida ao dentista que aqui se torna pública, ao contrário de Paris, onde imperava a discrição. Neste particular, cabe assinalar que Carmen Dolores, como a maioria dos intelectuais de seu tempo, expressa a cultura das elites da época, para as quais Paris era sinônimo de progresso e modelo para todos os povos (Velloso, 2000) e cujo exemplo ela evoca a todo o momento. Em sua famosa conferência, realizada a 13 de junho de 1907, no Instituto Nacional de Música, refere-se à França como «o foco adiantado que constitui a legítima sociedade sob a sua forma espiritual e elevada». Em outra oportunidade, ao criticar a exagerada ostentação de certos setores da sociedade carioca, retorna ao exemplo de Paris onde «o chic é justamente circular uma senhora em trajés de cor neutra, apagada e distinta, pelas ruas em que faz as suas compras do meio do dia» (Dolores, 1908-

e). Acentue-se que embora a autora censure as excessivas exigências com relação ao aspecto físico feminino, ela não deixa de incorporar algumas delas. Assim, valoriza na mulher a beleza que se identifica à juventude, período em que se manifesta «tudo o mais que empresta sabor à existência: a consciência do poder, o próprio amor, o arrojo, a esperança, a alegria, o vigor das impressões, a faculdade de inspirar e sentir simpatias, a ilusão de mil cores...» referindo-se à velhice com certa amargura (Dolores, 1908-d).

Por outro lado, numa demonstração de coragem para uma mulher de seu tempo, Carmen Dolores aponta contradições no interior da família, aludindo aos conflitos aí existentes, fazendo comentários irônicos, acerca das acusações que poderia sofrer por denunciar tais conflitos:

O marido vive em contradição com a mulher, o pai com os filhos, os irmãos com as irmãs – todos aparentemente unidos, mas reservando ciosamente a sua própria opinião sobre a maior parte dos assuntos. (...) (e, pelo amor de Deus, não vão agora acusar-me de destruir com estas palavras a base sagrada dessa instituição que, etc.). (Dolores, 1908-c)

Em coerência com tal posição, ela assume vivamente a defesa do divórcio, apoiando a proposta do Dr. Marcilio Teixeira de Lacerda, em favor desta mudança. Afirma que a iniciativa do referido jurista «obedeceu a uma espontânea e irreprimível piedade em favor das mulheres – as principais vítimas do atraso das nossas leis em relação ao casamento». Denuncia as desigualdades entre homens e mulheres e a dupla moral vigente, pois «ao homem resta o direito de inocente ou culpado, restabelecer o seu equilíbrio em união ilegais que lhe fingem um lar. E a sociedade fecha os olhos sobre a imoralidade desse proceder – consequência natural da situação anômala criada pela separação sob sua forma presente. Mas a mulher, pobre dela! a mulher fica sendo a pária social sem jus à família, ao lar constituído, ao amor, às alegrias da maternidade» (Dolores, 1906).

Dessa forma, justifica a defesa do divórcio em nome da integridade da família, já que a preservação de casamentos infelizes resultaria no adultério,

excessivamente, maléfico para os membros daquela instituição. Enfatiza a importância de se possibilitar a reconstrução de novas famílias, evitando-se a promiscuidade de casais que não mais se amam. Critica, igualmente, os casamentos realizados como meros acordos entre famílias e que estariam fadados ao fracasso, ratificando a opinião dos médicos quanto à importância do amor na relação matrimonial. (Freire Costa, 1979)

Sua defesa da família revela-se tão vigorosa que lamenta o comportamento dos jovens com relação ao casamento, no caso dos rapazes, querendo apenas divertir-se e, quanto às moças, por compactuarem com tal atitude. Na defesa do casamento e da família, chega, paradoxalmente, a propor um reforço da autoridade masculina. Aconselha aos rapazes, citando Molière, severo crítico das mulheres, a assumirem o comando da relação familiar, no que desconsidera suas referências quanto às desigualdades de gênero, presentes na crítica à citada conferência de Enrico Ferri.

*Ces sociétés déréglées
Qu' on nomme belles assemblées
Des femmes tous les jours, corrompent les
esprits
Em bonne politique on les doit interdire,
Car c' est la qu' on conspire . . .
Contre les pauvres maris*⁵.

Cotejando-se suas colocações, emerge a idéia de paradoxo tal como enunciada por Joan Scott, em termos do nosso contato não com o choque de posições diferentes de Carmen Dolores X seus adversários, mas com as incoerências, incompatibilidades internas da própria Carmen, das quais esses choques são ao mesmo tempo sintoma e causa. (Scott, 2002, pág. 46). E, de acordo com esta perspectiva, observa-se que com relação ao trabalho feminino, Carmen Dolores manifesta-se solidária com a posição das feministas, ao afirmar sua compreensão do feminismo «como um meio de garantir à mulher o direito de concorrer ao trabalho igual ao homem, quando precisa lutar pela vida» (Dolores, 1910-d), e denuncia os preconceitos para com as

mulheres que ousam enveredar pelo terreno da literatura. «A mulher que escreve é um tipo híbrido: Por mais que ela se apresente natural, bem feminina, despreziosa, amável – olham – na com desconfiança com sorrisos, com espanto, com malevolência». Continua afirmando que da mulher se espera apenas a preocupação com a beleza e com frivolidades, «mas não se meta a analisar, a emitir juízo, a ter idéias enfim denunciando a existência de um cérebro para que a não apontem como ser anormal e perigoso na sociedade» (Dolores, 1908-h). Conclui que para muitos é preferível que as mulheres nem saibam escrever corretamente. Além disso, acusa o estereótipo que geralmente recai sobre as mulheres escritoras, vistas como masculinizadas, péssimas esposas e mães, incapazes de realizar as tarefas que naquela sociedade eram inerentes ao seu sexo, enfim, consideradas péssimas influências para as outras mulheres. Isto, segundo sua avaliação, é incompatível com o projeto de civilização que a capital almejava. Em tais opiniões, percebe-se influências de sua aguda inteligência e sensibilidade como, também, razões existenciais, ao declarar: «Resolvi abraçar a carreira literária por necessidade, mas quando já há muito a exercera por «diletantismo», em rigoroso anônimo».

Mas, assumir tal postura representava um pesado ônus. E o depoimento de uma das mais ativas militantes demonstra-o, ao registrar que «a mulher que estuda, que pensa, ...é objeto de críticas e censuras à sua própria dignidade, e faz parte das distrações, dos cafés e dos bilhares...» (de Queiroz, 1980, pág. 127). Afinal, os médicos com seu domínio do conhecimento científico afirmavam que a mulher foi formada para sentir como o homem foi criado para pensar e «àquelas que têm apresentado uma inteligência superior, tem sido à custa de suas qualidades femininas». Ousar ultrapassar esses limites era uma empreitada espinhosa, conforme se pode reconhecer na narrativa abaixo:

É costume dizer mal das mulheres dadas às letras, e fazer-lhes, por essa razão, as mais malignas insinuações a respeito das virtudes que mais se prezam no nosso sexo. Debalde se faz ver a esses

⁵ Aqui utilizo a expressão «consciência de gênero», como matriz de um consciência feminista, de acordo com Perrot, M. (1994).

maldizentes que a mulher que nutre o seu espírito com pasto mais substancial do que as conversas sobre a vida alheia, menos facilmente ocupará a imaginação com frioleiras e leviandades que tão úteis parecem ao princípio, e tão tristes consequências acarretam ao final muitas vezes. Eles não se deixam convencer e vem logo com os exemplos das mais célebres literatas das quais a fama não corre boa (Jornal das Famílias, 1863).

Com uma argumentação singela, a articulista revela os percalços sofridos pelas mulheres que enveredavam pela literatura. O fenômeno, porém, não se restringe ao Brasil. Também, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos eram as escritoras alvo de forte maledicência, atribuída por Peter Gay ao comportamento escandaloso ou devido à presença do erotismo na obra de algumas autoras do século XVIII. Também, a reputação de George Sand, já no século XIX, também, merecera inúmeras críticas, face ao seu divórcio sucedido por inúmeras relações afetivas e a adoção proposital de uma aparência masculina. Igualmente, sofreram os efeitos das rivalidades dos seus companheiros de ofício masculinos, infensos a dividirem com as invasoras o espaço que consideravam exclusivamente seu. No século XIX, é que realmente, tal atividade se consolidou como uma profissão para muitas mulheres. E as pressões eram tamanhas que o referido historiador chama a atenção para a decisão de muitas das escritoras de esconder sua identidade, usando um pseudônimo masculino. Segundo Peter Gay estas eram motivadas principalmente pela baixa auto-estima, que as impedia de assumir abertamente sua posição. De qualquer forma, logo uma divisão natural de trabalho, também, se estabeleceu nessa seara, decidindo-se que o romance era seu ponto alto. Críticos literários e historiadores da literatura empenhavam-se em manter as escritoras na esfera sentimental, tecendo comentários sobre a graça, a pureza, a sensibilidade presentes em sua obra. Fato que teria frustrado enormemente a americana Louise May Alcott compelida por seu editor e estimulada por seu pai a escrever uma «história para meninas», quando seu desejo era o de produzir «histórias de horror explorando as sombrias regiões subterrâneas das paixões agressivas e sexuais, até mesmo da perversão» (Gay, 1995).

Embora, em algumas ocasiões, Carmen Dolores

mostre-se sensível com relação às desigualdades sociais existentes, denunciando a «exagerada desigualdade de classes», apesar do «florescente regime da civilização», em outras, contradições aparecem. Um exemplo é a crônica, na qual lamenta consternada o assassinato do rei de Portugal e do seu herdeiro, deixando perceber seu preconceito de classe; pois, segundo ela, a polícia «deixa trucidar em plena rua o rei e o herdeiro presuntivo da coroa como dois manes plebeus sem que a vigilância se exercesse em torno das carruagens reais». Deixa escapar, portanto, uma atribuição inferior à vida dos plebeus.

Da mesma forma, o preconceito envolvendo relações de classe e de gênero, com uma conotação moralista, é evidenciado ao narrar as desventuras de uma bela, mas humilde moça em São Paulo que se apaixona e foge com um médico para o Rio de Janeiro. Este lhe montara uma casa na Cidade Nova, no Rio de Janeiro, nunca falara em casamento, embora ela não o interpelasse, mantendo-se submissa, obediente, em decorrência de sua inferioridade social. Tiveram três filhos, mas aos poucos com «as gestações freqüentes e certos serviços grosseiros a sua beleza frágil perdera bastante porque procurava pesar o menor possível na bolsa de seu amante» e ele esfriava, as visitas escasseavam. «A mãe, enfim, deformara a amante, consumando-se o «castigo»: o abandono total, decidindo-se o amante pelo casamento com uma mulher fina, rica, (...) de sua classe» (Dolores, 1908-i). Depreende-se desta narrativa a lição de que as mulheres deveriam buscar companheiros do mesmo nível, além do que lhes caberia obedecer às regras sociais, legitimando tais uniões, através do casamento. Em caso contrário, o final seria trágico.

A representação da mulata como perigosa e sensual, corrente na literatura da virada do século, tem em Rita Baiana do célebre *O Cortiço*, um dos exemplos mais conhecidos. Retratada por Aluisio de Azevedo como «muito de serpente e muito de mulher», é identificada à imagem bíblica do Mal, da Sedução, da Tentação, expressando as «serpentes» do seu corpo e do seu caráter (Azevedo, 1987, pág. 21). Em Carmen Dolores, na crônica *O raio*, confirma-se o estereótipo da mulata como símbolo

da desordem, indiferente aos valores e às obrigações familiares, inclinada a envolvimento amorosos promíscuos, no trecho:

... uma ceia com o Martins, velho conhecido do pae, já morto, que lhe contára nas expansões de uma meia embriaguez que o português se casara outrora na Bahia com uma morena de lá, a qual saíra uma peste, mas que peste! . . . - Sua mãe era o demônio, Heleodoro, e seu pae, depois de trazelo para o Rio, teve de pô-la um dia na rua aos pontapés. Historias com um soldado . . . Você tinha então dois anos . . . (Dolores, 1906)

Assim, enquanto a mulata é tida como leviana, insensível aos compromissos de esposa e mãe, o marido, branco e português, é responsável, preocupado em formar um pecúlio, privando-se de todo o bem estar em benefício do filho do casal, para o qual reuniu uma pequena fortuna e garantiu uma boa formação. Heleodoro, às vésperas de unir-se a uma jovem aristocrata defronta-se com a figura da mãe, com a presença estranha de uma «mulata cínica e andrajosa, que rolara pela vida (...) e seria a sogra da nobre filha dos barões de Vilhena.» Não suportando a idéia do parentesco com aquela mulher e a possibilidade de sua permanência em seu meio, suicida-se. O epílogo é fúnebre e, mais uma vez, reitera-se a versão do cientificismo do século XIX, acerca dos males provenientes da mescla racial, cujos efeitos manifestam-se em comportamentos e atitudes negativos prejudiciais à família e à sociedade (Corrêa, 1996).

O seu preconceito, na verdade, não se restringia aos negros e mulatos, estendia-se também a outras etnias. Um grupo de ciganos acampados em Botafogo, bairro nobre da cidade, merece da cronista uma série de considerações, igualmente, comprometedoras. Discorre sobre o seu costume de roubar crianças, aludindo à rudeza de sua língua ininteligível. Sua sujeira e seu «instinto de furto» são mencionados, sem esquecer da cigana comum, que chama de «vagabunda», «seguida da sua tropa faminta de homens escuros, de velhas horrendas e de crianças sórdidas, que carregam trouxas e sacas de roupas, de utensílios de cozinha e mil outros objetos» (Dolores, 1906).

Além da inquietude de Carmen Dolores com a posição das mulheres na sociedade brasileira, também as demais questões interessavam-na vivamente, fazendo de suas crônicas um espaço de expressão de suas idéias, acerca de variados temas. Expressa em diversas ocasiões seu apoio à monarquia, «a única forma de governo que me agrada, me sorri, me alenta, (...) e também que, se esse governo voltasse, eu me sentiria imensamente feliz». Em outro momento, lamenta a perda de uma série de usos aristocráticos, referindo-se nostalgicamente ao período imperial, como «a idade de ouro do Rio de Janeiro. Imaginem que ainda se usava o chá em família, com o pão torrado reluzente de manteiga inglesa» (Dolores, 1907), no que parecia desconhecer o preço desses usos requintados em termos de dependência com relação à Inglaterra. Por outro lado, ao contrapor-se à República, Carmen Dolores manifesta sua aversão à especulação financeira, ao arrivismo e à extrema ostentação, que caracterizavam o momento, no que revela plena consciência do quadro republicano, conforme se verifica neste trecho:

Havia espírito, havia chic, mas, em suma, o Deus Luxo não tinha ainda vindo presidir os nossos centros festivos. Esse deus surgiu somente depois da queda da monarquia, com o jogo da bolsa, quando a sociedade brasileira foi revolucionada nos seus mais fundos alicerces, sofrendo radical transformação (Dolores, 1907).

E mais adiante, «(...) O luxo absorveu tudo; e só existem festas para os ricos, divertimentos para os ricos, passeios para os ricos, teatros para os ricos. Tudo é caro, caríssimo, ao alcance exclusivamente das bolsas privilegiadas» (Dolores, 1907). Constata-se que Carmen Dolores, neste particular, compartilhava da opinião de Lima Barreto, igualmente, crítico da República:

Cada qual mais queria, ninguém se queria submeter ou esperar; todos lutavam desesperadamente como se estivessem num naufrágio. Nada de cerimônia, nada de piedade; era para a frente para as posições rendosas e para os privilégios e concessões. Era um galope para a riqueza em que se atropelava a todos, os amigos e inimigos, parentes e estranhos. A república soltou

de dentro das nossas almas toda uma grande pressão de apetites de luxo, de fêmeas de brilho social (Barreto, 1956, pág. 182).

A historiografia tem corroborado esta perspectiva com relação aos primeiros anos da República. Caio Prado Jr. observa a emergência naquele período de um espírito, até então mantido na sombra e em plano secundário: a ânsia de enriquecimento e prosperidade material. As classes e indivíduos mais representativos da monarquia, ocupados anteriormente com a política e funções similares e, no máximo, com a direção de suas propriedades rurais transmudam-se em ativos especuladores e negociastas. «E coisa que nunca se vira no Império, será freqüente o espetáculo de ministros e altas autoridades metidas em negócios» (Prado, 1963). Vinte anos depois, Nicolau Sevcenko registra: «o conservadorismo arejado e a cupidez material formavam a imagem do tipo representativo do novo regime» (Sevcenko, 1983), enquanto José Murilo de Carvalho conclui com a feliz síntese: «Poderíamos dizer que se deu uma vitória do espírito do capitalismo desacompanhado da ética protestante» (de Carvalho, 1987, pág. 26).

Apesar da brilhante avaliação política da autora, acerca do quadro em que estava inserida, em que pese sua visão idealizada da monarquia, Carmen Dolores, em dado momento, declara o seu horror à política. Dando exemplos que se remetem ao âmbito das ações mesquinhas de alguns políticos: ambições pessoais, intrigas, vinganças, considera inconveniente qualquer esforço das mulheres com vista a participação nesse espaço, num momento em que muitas reivindicam tal participação que lhes é vedada.

Compreende-se, assim, sua postura contrária à luta de mulheres pela participação política, reivindicando o direito de voto. Considera inútil a incorporação feminina à política, «forma apenas grotesca de um exibicionismo sem necessidade, que fere preconceitos sem vantagem senão para a vaidade feminina» (Dolores, 1910-c). Esta postura é afirmada numa crônica em que se contrapõe à feminista Leolinda Daltro, em que recusa o convite para participar de uma manifestação:

em matéria de feminismo — já o disse no questionário do almanaque do Paiz — as minhas idéias não têm o mesmo vôo das suas.

Ah! não! paio muito mais baixo... Eu quero apenas que não se dispute à mulher o privilegio de concorrer ao trabalho, como o homem, logo que tem de ganhar a sua vida. A mulher inteligente e passiva na adversidade é digna de desprezo. Mas o mais de palavões, partidarismos, exhibições, direitos ao voto — não, isso não é comigo. Que fazer? (Dolores, 1910-c).

De qualquer forma, percebe-se em Carmen Dolores a presença de uma significativa consciência de gênero⁶, o que se constata ao comparar o conteúdo de suas crônicas que em muito contrastavam com as imagens de mulher ideal veiculadas em sua época, nos mais diversos campos. A medicina social assegurava constituírem-se como características femininas, por razões biológicas, a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem, conjugava a sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. Paradoxalmente, transparecia a fidelidade desses discursos aos princípios cristãos em que pese o tom anticlerical que assumiam, em nome da ciência, o ídolo do momento. Por outro lado, àquelas características femininas, das quais ressalta a menor inteligência e sensibilidade sexual, levavam Cesare Lombroso a considerar que as mulheres dotadas de erotismo intenso e forte inteligência, eram despidas do sentimento de maternidade, característica inata da mulher normal, sendo extremamente perigosas. Constituía-se nas criminosas natas, nas prostitutas e nas loucas que deveriam ser afastadas do convívio social. Entre outros, um psiquiatra de Leipzig Paul Julius Moebius comungava dessas opiniões ao assegurar, em livro publicado em 1900, a inferioridade sem esperanças da mulher, pois as partes do cérebro essenciais ao trabalho intelectual eram menos desenvolvidas nela. E concluía que para nada servia a propaganda feminista, pois, «A Natureza é uma senhora severa e pune as violações às suas regras com duros castigos» (Gay, 1995, pág. 330). E o

⁶ Aqui utilizo a expressão «consciência de gênero», como matriz de um consciência feminista, de acordo com Perrot, M. (1994).

sucesso do seu livro foi tamanho que em 1906 chegava à oitava edição.

Corroborando para estimular uma posição subalterna para as mulheres temos o predomínio naquele momento do ideário positivista que afirmava a complementaridade entre mulheres e homens biológica, mental e socialmente, mas que resultava na verdade na subordinação feminina. Nesse sentido, caberia àquelas permanecer no lar, dedicadas à educação dos filhos enquanto ao homem competia modificar o meio em proveito da espécie. Tais idéias contribuiriam no plano social para a consolidação do projeto burguês que consolida a divisão de papéis e uma rígida separação das esferas de atuação entre os gêneros. O masculino na órbita pública e o feminino no âmbito privado. Tal se configura com mais ênfase entre os segmentos mais elevados, já que as mulheres pobres por sua condição social continuam a ter a rua como espaço preferencial, obrigadas, elas mesmas a realizarem suas compras, como também ao exercício do trabalho extradoméstico, além de encarregarem-se de inúmeras atribuições que lhes proporcionavam maior independência; o que não impedia, porém, a presença de contradições entre os gêneros e a incorporação desses saberes (Perrot, 1988, pág. 200).

Nessa perspectiva, Carmen Dolores ao colocar-se, de forma enérgica, na defesa da educação, do trabalho feminino, do divórcio, sensível aos males decorrentes de um casamento infeliz e/ou de uma separação que penalizava mormente às mulheres e aos filhos, desmitificando a maternidade como instintiva e uma vocação para todas as mulheres, além de questões mais gerais como suas lúcidas críticas ao cenário republicano de seu tempo, demonstrava estar em muitos pontos na contramão das idéias então

dominantes. Valia-se de sua pena, através de suas crônicas para denunciar as injustiças, então vigentes, tornando-se simultaneamente sujeito e intérprete de seu tempo (Chalhoub & Pereira, 1998). O que, igualmente, explica inúmeras de suas posições conservadoras quanto às classes sociais, às questões étnicas e, mesmo, às relações de gênero. As duas faces do indivíduo no processo histórico podem assim, ser detectadas. De um lado, Carmen Dolores constitui-se numa expressão da cultura de seu tempo e de sua classe, por outro há que se considerar a flexibilidade da «*jaula*», representada pela cultura. Fato que possibilita aos agentes sociais o exercício de uma relativa liberdade, conforme a articulação que estabelecem com os elementos historicamente postos à sua disposição (Ginzburg, 1987; Certau, 1994).

Concordamos, assim, com um seu contemporâneo que a qualifica de feminista, diante de sua combatividade, competência intelectual e pela sua agudeza de raciocínio:

... o Feminismo havia encontrado no Brasil, uma pena coruscante e terrível, e o arrojado, o mais fiel, o mais sincero dos defensores. Cada artigo de Carmen Dolores valia por uma batalha e um triunfo retumbantes. Mesmo na Europa, nos centros mais adiantados e liberais, seria difícil encontrar quem melhor sustentasse, com mais sólidos argumentos e segura erudição, os direitos da mulher (Dolores, 1907).

E, mais uma vez, lembrando Joan Scott, ignorar a intranqüilidade que o paradoxo, a contradição e a ambigüidade implicam tem como resultado perder de vista o potencial subversivo do feminismo e do agir feminista (Scott, 1991).

Referências bibliográficas

- Azevedo, A. (1987). *O Cortiço*. São Paulo: Ática.
- Barreto, L. (1956). *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: De Ouro.
- Caiuby C, M. T., & Bernardes. (1989). *Mulheres de Ontem? Rio de Janeiro-Século XIX. SP, T.A. Queiroz* .
- Certau, M. (1994). *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- Chalhoub, S., & Pereira, L. A. (1998). *A História Contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Corrêa, M. (1996). «Sobre a invenção da mulata» . *Cadernos pagu. Raça e gênero. (6-7). PAGU - Núcleo de Estudos do Gênero/UNICAMP, Campinas-SP* , 41-42.
- de Beauvoir, S. (1960). *O Segundo Sexo. V.2. A Experiência Vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- de Carvalho, J. M. (1987). *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras.
- de Queiroz, M. A. (1980). «Ligeiras considerações sobre a educação feminina» A Família. En M. T. Caiuby, & C. Bernardes. Rio de Janeiro.
- Dolores, Carmen. (1907). «A Sociedade». Conferencia Litteraria. 13 de Junio: Instituto Nacional de Musica.
- _____. (1908-a). «Conversando...». *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 23 de Janeiro de 1908.
- _____. (1908-b). «Amargo problema». *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28 de março de 1908.
- _____. (1908-c). «Coisas que sucedem». *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1908.
- _____. (1908-d). «O dia Moderno». *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 13 de março de 1908.
- _____. (1908-e). «O Baile». *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 30 de janeiro de 1908.
- _____. (1908-f). «Por do Sol». *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 05 de março de 1908;
- _____. (1908-g). «O Único Triunfo». *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 10 de fevereiro de 1908
- _____. (1908-h). «Comparemos». *Correio da Manhã*. 8 de janeiro de 1908.
- _____. (1908-i). «Os Humildes». *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 16 de março de 1908.
- _____. (1910-a). *O Paiz*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1910.
- _____. (1910-b). *A Semana*. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1910.
- _____. (1910-c). *O Paiz*. Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1910.
- _____. (1910-d). *O Paiz*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 17 de agosto de 1910.
- Eleutério, M. d. (2005). *Vidas de Romance. As mulheres no exercício de ler e escrever no entresséculos*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Freire Costa, J. (1979). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal.
- Friedan, B. (1971). *Mística Feminina*. Petrópolis: Vozes.
- Gay, P. (1995). *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud. O Cultivo do Ódio*. . Sau Paulo: Companhia das Letras.
- Ginzburg, C. (1987). *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Guimarães Lopes, M. A. (2001). «Desafio Materno: A Luta de Carmen Dolores». En D. Carmen, *A Luta*. . Florianópolis: Mulheres/ Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Jornal das Famílias. (1863). «A Arte da Beleza-Artigo para ser somente lido por senhoras» . *Jornal das Famílias* .
- Lima Duarte, C. (1997). «O Cânone Literário e a Autoria Feminina». *Gênero e Ciências Humanas desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.
- Lombroso, C., & Ferrero, G. (1896). «La femme criminelle et la prostituée». (Traduction de l'italien), 1896, p.93. En R. Soihet, *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. (pág. 93). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária.
- Perrot, M. (1994). «Sair «. En *História das Mulheres no Ocidente. O Século XIX*. Porto: Afrontamento.
- Perrot, M. (1988). *Os excluídos de la historia: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Prado, C. (1963). *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Scott, J. (2002). *A cidadã Paradoxal : as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Mulheres.
- Scott, J. (1991). *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife : SOS Corpo.
- Sevcenko, N. (1983). *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense.
- Velloso, M. (2000). *Que cara tem o Brasil? As maneiras de pensar e sentir o nosso país*. RJ. EDIOURO.